

CONSTITUINTE NA RETA FINAL



Concluído o primeiro turno de votação da nova Carta, esquerda e direita concordam ao menos em um ponto: seu trabalho deu resultados positivos. As ressalvas são as mesmas, venham da esquerda ou da direita: houve fisiologia demais nas disposições transitórias e os faltosos atrapalharam

Apesar de tudo, a epopéia valeu

MARBA FURTADO
Da Editoria de Política

Apesar do fisiologismo que se instalou, principalmente sobre a votação das disposições transitórias; da dificuldade de reunir quorum às segundas e sextas-feiras; das manobras para obstrução; do assédio dos lobistas; das derrotas e retrocessos; da morosidade dos inícios de sessões; das críticas e ingerências do Executivo; dos protestos, das vaias, das brigas e discussões generalizadas; do excesso de fumaça de cigarros e da falta de ventilação do plenário, a Constituinte vale a pena. Esta, pelo menos, é a opinião dos que trabalharam, desde a instalação da Assembléia, na elaboração da nova Carta. Mas não é sem alguns pontos de decepção que a satisfação pelo trabalho realizado é anunciada.

A festa que tomou conta do Congresso Nacional em 1º de fevereiro de 1988 parecia ser o anúncio de euforia e otimismo de 559 constituintes ao longo do processo de elaboração da nova Constituição. Aos poucos, no entanto, até a incidência de ausências passou a indicar o desânimo de alguns e o descaço de outros em relação ao trabalho que deveria envolver a totalidade da Assembléia desde o dia de sua instalação. Os que assumiram a atividade constituinte como verdadeira profissão viveram momentos de otimismo e de desgosto; os que premeditadamente se ausentaram, continuarão sem saber como foi acertada ou disputada a criação da Carta.

Uma das decepções do deputado Adylson Motta (PDS/RS) é justamente esta: "A irresponsabilidade de um grupo que, sistematicamente, por indiferença ou falta de motivação, se ausentou do plenário ao longo deste processo". Para ele, considerado o mais assíduo dos constituintes, desde a fase das subcomissões, "este é o aspecto mais negativo" da Assem-

bléia. Ele também lamenta o fisiologismo que tomou conta de grande parte do texto das Disposições Transitórias, servindo de base da campanha "de muita gente que quer sua reeleição", observa.

Adylson Motta considera ainda que o texto aprovado pelo plenário peca pelo detalhismo, "fugiu da linha genérica e por isso corre o risco de ter vida efêmera", adverte. No entanto, ele ressalva o caráter democrático da Constituinte, que reuniu um leque amplo de representantes da sociedade. "A Assembléia reúne aqui homens com suas virtudes e defeitos, uma representação do Brasil. O País assistiu ao maior debate que já houve no parlamento, quando a tribuna foi ocupada pela própria população para defender emendas populares. O convívio foi altamente positivo", disse. Para ele, está valendo a pena trabalhar pela Constituição, mesmo que seus mais de 70 pedidos de informação ao Poder Executivo até agora não tenham sido respondidos satisfatoriamente.

DECEPÇÃO

Uma das maiores demonstrações de "desencanto" deste processo partiu de outro atuante constituinte, peça-chave em todas as reuniões de negociações de diversas matérias. O deputado José Genoíno (PT/SP) não escondeu sua decepção quando o plenário da Assembléia decidiu igualar o crime da tortura aos de terrorismo e tráfico de drogas, tornando-os inafiançáveis e insuscetíveis de anistia ou graça. Depois de se pronunciar contra esta decisão e descer da tribuna emocionado ele viu o painel registrar os votos que consagrariam a matéria. Lutou ainda por uma reforma agrária ampla e pela não-intervenção das Forças Armadas na manutenção da ordem interna do País. N-a venceu mas irá retomar a luta no segundo turno de votação.

Genoíno diz apenas que o

conteúdo da Carta é fraco, aquém das expectativas. Na tentativa de quebrar a timidez do texto, ele mesmo já se viu impedido de marcar um relativo avanço, pelo grupo que considerava ser o mais interessado na matéria que defendia, quando subiu à tribuna para defender a opção pela interrupção da gravidez e foi cercado pela bancada feminina que decidira excluir o aborto da Constituição. Na época ele classificou o episódio e suas consequências de "retrocessos".

O que Genoíno ressalva na Constituinte é o nível de trabalho entre os parlamentares. "Foi produtivo", afirma. Mas acha que a sociedade acompanhou muito pouco este processo, apesar de ter ocupado fisicamente o Congresso. "A participação foi muito mais através do secundário que pelo essencial", acrescenta.

Com um pouco mais de otimismo que Genoíno, o deputado Francisco Kuster (PSDB/SC) ressalta que "já temos o que apresentar ao povo". Admite que não é a Constituição dos seus sonhos, "mas um retrato da sociedade brasileira que, temos que admitir, é de formação conservadora". Ele ressalva "avanços consideráveis" nos dispositivos dos direitos individuais e sociais. Mas se declara decepcionado, como Adylson Motta, quanto ao sistema de Governo que pretendia fosse o parlamentarista. Também lamenta os resultados na reforma agrária e a demora do processo de elaboração da Carta.

"Apesar de tudo", diz Kuster, "o saldo foi positivo. Até o surgimento do Centrão deve ser visto por este lado, pois ajudou a separam o joio do trigo, desnudou certas pessoas e definiu os grupos aqui dentro", acrescenta.

ENSINAMENTO

Há cerca de um ano, o deputado Uldorico Pinto (PMDB/BA) lamentava pelos corredores do Congresso o rumo que assumia a Constituinte. Na época,

ele se declarava "decepcionado" em sua primeira legislatura. Pensava que viria à Assembléia para realmente elaborar uma Constituição para o povo. Hoje ele reconhece que o próprio processo foi um ensinamento para grande parte da Assembléia e que o saldo mais positivo deste trabalho é que, finalmente, a sociedade sabe o que é uma Constituinte e é capaz de identificar seus candidatos. "Tenho certeza que a maioria dos eleitos não conseguiria se reeleger", afirma, confiante no grau de esclarecimento da população.

Uldorico lamenta, no entanto, que a Constituinte não tenha conseguido modificar três aspectos básicos: "o sistema financeiro ficou sem qualquer alteração; não mexeram nos militares por medo e não reformaram o Poder Judiciário por incompetência", enfatiza. Para ele, a matéria mais "violenta" foi a reforma agrária.

Decepcionado mas confiante está o deputado Chico Humberto (PDT/MG), defensor da divisão de Minas Gerais para a criação do Estado do Triângulo. Ele perdeu esta briga para o lobby de massa patrocinado pelo governador Newton Cardoso, mas tem certeza que o Triângulo está emancipado de fato, só falta ser de direito, o que pode acontecer através do trabalho da Comissão de Estudos Territoriais criada pela Constituinte.

Chico Humberto sente que, a nível pessoal, seu vitorioso deste processo, pois não precisou abrir mão de seus princípios "para patrocinar benefícios aqui dentro". Sente-se decepcionado, no entanto, com o grau de fisiologismo que invadiu a votação do projeto. "Foi grande o número de emenda-chapéu, ironiza. "Aqueles proposições que só servem para uma cabeça, são frutos de interesse pessoal. Lastimamos este fato, mas teria mesmo que haver algum deslize neste trabalho", acrescenta.

Bancada do DF está sempre presente

LAURENICE NOLETO
Da Editoria de Política

Os onze parlamentares que integram a bancada de Brasília na Constituinte podem até ser questionados por seus posicionamentos, votando às vezes contra o interesse de um ou outro segmento da sociedade. Alguns já foram até chamados de traidores e tiveram suas fotos estampadas em cartazes espalhados pela cidade. Mas, jamais a bancada poderá ser taxada de omissa, pois apresenta um dos mais altos (se não o mais alto), índices de presença às sessões da Assembléia Nacional Constituinte.

A grande maioria dos senadores e deputados do Distrito Federal quase nunca falta às sessões. O deputado Valmir Campelo (PFL) foi até apontado como um dos mais assíduos frequentadores do Plenário, em recente pesquisa. Morando na mesma cidade que sedia o Congresso, eles não têm a desculpa de muitos constituintes faltosos — "temos que prestar assistência às bases". Suas bases mais distantes não ficam a mais de 50 quilômetros da Praça dos Três Poderes.

Raros foram também os casos de parlamentares de Brasília que fizeram alguma viagem desde a instalação da Constituinte. Augusto Carvalho (PCB) ficou 15 dias na Palestina, no início deste ano; Maurício Correa (PDT) foi à cidade de Píndico, no Maranhão, por uns três ou quatro dias, a serviço da CPI da Corrupção do Senado; Pompeu de Souza (PSDB) só se lembra de uma folga em todo esse tempo: passou um fim de semana em Aracaju, participando de um congresso de professores de Comunicação Social do Norte e Nordeste.

Com dedicação exclusiva, eles se auto-intitulam plantonistas da Constituinte. E mesmo nestes dias em que o Congresso se encontra em recesso e os trabalhos da Constituinte estão praticamente suspensos, não arredam o pé da cidade, enquanto seus companheiros aproveitam o tempo para visita às bases, uma viagem



Valmir Campelo

de passeio ou descanso com a família em algum recanto bucólico. Só o deputado Sigmaringa Seixas (PSDB) e o senador Pompeu de Souza fazem uma pequena viagem de dois dias: o primeiro vai para São Paulo, "resolver uns problemas pessoais" e o outro participa em São Paulo de um Congresso sobre tecnologia de ponta.

DUPLA FUNÇÃO

O privilégio, no entanto, tem o outro lado da medalha. Como a cidade não tem Câmara Municipal, os constituintes fazem também o papel de vereadores, resolvendo questões locais. O deputado Augusto Carvalho, por exemplo, disse que está aproveitando esse feriado para um "banho de base". Na última sexta-feira ele passou o dia com os ex-colegas do Banco do Brasil e na segunda-feira já tem uma audiência marcada com o chefe do Gabinete civil do Governo do Distrito Federal, Guy de Almeida, para tentar evitar a deflagração de uma greve por parte dos servidores do Banco Regional de Brasília.

Geraldo Campos (que está deixando o PMDB e passando para o PSDB), disse que desde o início dos trabalhos da Constituinte a viagem mais longa que fez foi ao Gama e Ceilândia — cidades-satélites de Brasília. Agora, depois de redigir as



Augusto Carvalho

emendas que tem direito a apresentar no segundo turno, pretende passar uns dez dias com a família em uma praia do Sergipe, sua terra de origem. "Estou precisando mesmo de um repouso, para me recompor, pois começo a sentir insônia, que é um dos sintomas do chamado stress", disse ele, lembrando que já tem mais de 62 anos no "lombo".

A idade, porém, não incomoda o senador Pompeu de Souza, com seus cabelos brancos como o algodão e até a voz já trêmula: "Não tenho viajado. E dedicação exclusiva, mesmo. O velho está acostumado". Mas a deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB), apesar de nova, já está sentindo os efeitos dessa "dedicação exclusiva". Tem tido muita insônia e dores fortes no estômago, diagnosticadas pelos médicos plantonistas da Câmara como sintomas de stress. À exceção da hora que vai passar com um gastroenterologista amanhã (segunda-feira), ela disse que todo o seu tempo, nestes próximos dias, será utilizado em trabalhos de formação do novo partido ao qual se filiou recentemente.

"Perdi apenas uma votação, lá dentro, conversando. Me lembro de ter me absteído de votar apenas uma vez, no caso de uma fusão cujo texto não conhecia. E até agora não me afastei de Brasília

uma única vez, mesmo tendo sido convidada para viagens ao exterior". Ausência, mesmo, ela só se recorda de duas vezes: quando foi ao Ministro da Educação, durante a greve dos professores, e ao Ministro da Fazenda, para discutir a emenda da anistia aos microempresários.

Apontado em uma pesquisa como um dos mais assíduos constituintes, o deputado Valmir Campelo (PFL) confirma aqueles dados, informando não ter perdido uma só sessão até hoje, mas apenas algumas votações, em horário que estava negociando com o Governo do Distrito Federal, junto com outros parlamentares, a greve dos rodoviários e dos professores. Não vai viajar também nos próximos dias, aproveitando o recesso para conversar mais com seus assessores e visitar as bases. A saúde, segundo ele, está boa, graças à prática de esporte que lhe dá resistência física o suficiente para enfrentar o batidão.

"Aqui mesmo eu bebo, danço e caio", disse em tom de brincadeira o senador Meira Filho (PMDB), ao informar que não pretende sair de Brasília nos próximos dias. Desde o começo dos trabalhos da Constituinte, ele também não se afastou da cidade por uma só vez. Além das bases se encontrarem aqui mesmo, Meira, que é também radialista por mais de 40 anos, ainda tem outra facilidade: conversa diariamente com suas bases, através de um programa que mantém até hoje na Rádio Planalto.

Cansaço ele reconhece, mas não pelo desgaste físico, mas mental. "A gente tem que ficar muito atento, prestar muita atenção no que se está votando. É uma responsabilidade muito grande a gente votar", falou o senador, condenando aqueles que votam sem prestar atenção no que se está votando ou que ficam perguntando aos colegas como deve votar numa ou outra matéria. Pretende aproveitar a pausa do Plenário para colocar em dia o trabalho do seu gabinete.